

Professor: Arnin Braga

Disciplina: Filosofia da Religião

Semestre: 4º Semestre de Filosofia

Tema 04:

Idade Média – a Filosofia como serva da Teologia na Escolástica

1. A ESCOLÁSTICA

De maneira geral, a Escolástica medieval acreditava que a realidade podia ser explicada a partir duas *teologias* ou *dois livros* de interpretação: o livro da *razão natural* (ou a “teologia natural”) e o livro da *Graça sobrenatural* (ou “teologia cristã”). Segundo a Escolástica, ambas teologias ou livros provém de Deus, mas cada um se ocupa de um objeto distinto. O livro da “Razão Natural” se ocupa da ordem natural das coisas e a investiga por meio da razão que pertence a todo ser humano. Esse livro da realidade leva à uma “Teologia Natural” ou “Teologia Racional”. Esta Teologia serve de base para outra, uma que não pertence naturalmente a nós, mas nos é dada por meio do Espírito Santo e da Revelação: é a “Teologia cristã”, que pertence e explica a ordem sobrenatural, isto é, a revelação de Deus. É a partir desse método da escolástico que devemos situar e entender a principal preocupação da Filosofia Medieval: apresentar as provas racionais da existência de Deus. Nos centraremos em dois grandes pensadores desse período: Santo Anselmo de Cantuária (1033-1109) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274).

2. Santo Anselmo de Cantuária e Prova Ontológica da Existência de Deus

Em sua obra *Monólogo*, Santo Anselmo de Cantuária - guiado pelo pensamento platônico de que o Uno é Bom, Belo e Verdadeiro - apresenta também três caminhos para chegarmos à conclusão de que Deus existe¹. Para ele, toda bondade, grandiosidade e perfeição existentes na natureza, sempre vão remitar à Bondade, à Grandiosidade e à Perfeição que, em suma, são Deus, pertencem a Deus. Porém, a novidade do pensamento de Santo Anselmo está

¹ Cf. ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Monólogo*. Abril Cultural: São Paulo, 1973. pp. 12-19. (cap. I-VI)

presente em sua obra *“Proslógio”*. Ali ele afirma que Deus é *“o ser do qual não é possível pensar nada maior”*².

Segundo Anselmo, até mesmo o néscio (ou insipiente) quando diz “Deus não existe”, deve ter um certo conhecimento de Deus para poder negá-lo. Como assim? Isso não seria contraditório? Anselmo explica que todo aquele que afirma que Deus não existe entende a ideia ou o conceito de Deus que existe em sua mente sem nenhum problema, o que ele não entende é como essa ideia de Deus subjetiva e existente só em sua mente pode existir na realidade objetiva e ser real. É isso que leva o néscio a afirmar “Deus não existe”: como a existência de um conceito da mente pode fazer com que haja um correlato também na realidade?

Para responder a esta questão, Santo Anselmo recorre a lógica: “uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto”. Logo, uma ideia de um Deus no qual não é possível pensar nada maior não pode existir e não existir ao mesmo tempo, isto é, não pode existir na mente do néscio e não existir na realidade objetiva. Até mesmo quando o néscio diz que só existe um conceito de Deus na mente, mas este Deus não existe na realidade, sua afirmação também justifica a existência de um Deus do qual não é possível pensar nada maior. Pois se o néscio afirma que só existe um conceito de Deus em sua mente, esse conceito não pode ser o “maior”, o que abre espaço para a existência lógica de algo muito maior que o mero conceito intelectual do néscio. Em suma, se conseguimos pensar um conceito de Deus em nossa mente, isso só é possível porque na realidade concreta existe um ser maior do que nosso conceito de Deus. Pois, caso contrário, como poderíamos pensar a perfeição se somos seres imperfeitos? Como poderíamos pensar a eternidade se somos seres finitos?

A este argumento, o monge Gaunilo afirmou então que se pensamos uma sereia, ou uma ilha, isso quer dizer que essa sereia e essa ilha devem existir na realidade. Ao que Santo Anselmo respondeu que tal regra (a de que um conceito de perfeição implica que uma perfeição maior exista na realidade) só se aplica ao conceito de Deus, pois só ele é “o ser do qual não é possível pensar nada maior”. Uma sereia ou uma ilha qualquer não pode entrar nesta regra. Pois o “maior” só pode ser concebido na mente se ele existe de fato, se não nunca seria o maior e obrigaria a existência de um outro maior. Da mesma forma que, se o pensamento admite sua existência, é porque ele existe de fato.

² ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Proslógio*. Abril Cultural: São Paulo, 1973. pp. 107-109 (cap. II-III)

3. Santo Tomás de Aquino e as cinco provas da existência de Deus

Santo Tomás de Aquino reconhece a veracidade dos argumentos de Santo Anselmo, mas critica-o em um ponto: Santo Anselmo dizia que o homem pode provar a existência de Deus pela própria existência do mesmo – tanto no pensamento quanto na realidade – por meio de seu conceito. Mas Santo Tomás afirmará que para Deus, sua essência e sua existência é evidente; mas para nós não. Nós desconhecemos a essência de Deus, logo, sua existência não é tão clara ao pensamento como supôs Santo Anselmo. Para Santo Tomás de Aquino, apesar de a existência de Deus ser uma verdade em si e por si imediatamente evidente, ela requer uma demonstração para o limitado conhecimento humano.

Devido a isso, Santo Tomás recorrerá a um itinerário demonstrativo que parte dos efeitos físicos para comprovar a necessidade da existência de uma causa metafísica (argumento “per effectum ad causam” – do efeito à causa). Esse itinerário é descrito em sua *Suma Teológica*, principalmente na Questão 2: A existência de Deus, artigo 3³. Tal modelo de explicação se inspira, em grande parte, nas argumentações apresentadas por Aristóteles em suas obras *Física* (Livro VIII) e *Metafísica* (Livro XII). Vejamos a regra do itinerário tomasiano:

Itinerário de Santo Tomás de Aquino:

- a) Ponto de partida:*** sempre será um efeito acessível à experiência sensível (um efeito físico)
- b) Mediação Lógica:*** composta pelo princípio da causalidade e de uma consequência lógica que sempre adverte a impossibilidade de um retrocesso infinito na série de causas causadas.
- c) Conclusão:*** isso que a filosofia grega chama de Ser, nós chamamos de Deus.

AS CINCO VIAS OU PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS SEGUNDO SANTO TOMÁS DE AQUINO

a) Primeira prova: a do movimento

- *Ponto de partida:* o movimento das coisas

³ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* Parte I: questões 1-43. Edições Loyola: São Paulo, 2001. Pp. 165-169.

- *Mediação Lógica*: o efeito nunca pode ser maior que a causa; é impossível um retrocesso infinito.

- *Conclusão*: Deus é o primeiro motor.

b) Segunda prova: a da causa eficiente

- *Ponto de Partida*: Toda causa eficiente necessita gerar um efeito e ser gerada por uma causa maior que ela. Se vamos de causa eficiente em causa eficiente, chegaremos a uma primeira causa incausada.

- *Mediação Lógica*: *idem*

- *Conclusão*: Deus é a Causa Eficiente Primeira e incausada.

c) Terceira Prova: a do Ato e da Potência, a do possível e do necessário

- *Ponto de Partida*: Todas as coisas que existem são contingentes, isto é, são não-ser em potência. E isso ocorre porque sua existência não condiz com sua essência. Mas para que tudo exista, faz-se necessária a existência de um ser que não é potência de nada, mas ato puro.

- *Mediação Lógica*: *Idem*

- *Conclusão*: Deus é o ser necessário, o Ato Puro.

d) Quarta Prova: dos graus de perfeição

- *Ponto de Partida*: existe uma hierarquia ou ordem de perfeição. Algumas coisas são mais perfeitas que as outras. Mas para algo ser mais ou menos perfeito, deve ter um ideal de perfeição que sirva de modelo.

- *Mediação Lógica*: *Idem*

- *Conclusão*: Deus é A Perfeição

e) Quinta Prova: da Ordem e finalidade das coisas

- *Ponto de Partida*: no mundo existe uma ordem. Tudo está ordenado e existe para um fim. E deste fim que dizemos se algo é bom ou não. Para que exista uma ou outra ordem é necessário que admitir a existência da Ordem em si, que delega a finalidade de cada coisa existente.

- *Mediação Lógica*: *Idem*

- *Conclusão*: Deus é o ordenador de tudo.

REFERÊNCIAS

ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Monólogo*. Abril Cultural: São Paulo, 1973. (Coleção Os Pensadores, 7)

_____. *Proslógio*. Abril Cultural: São Paulo, 1973. (Coleção Os Pensadores, 7)

SANCHÉZ, J.L. Nogales. *Filosofía y Fenomenología de la Religión*. Editorial Ágape: Salamanca, 2003.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica Parte I: questões 1-43*. Edições Loyola: São Paulo, 2001.